

Meus parabéns

Eu não me lembro exatamente o ano, mas era o dia do meu aniversário. O primeiro que passaria sem a presença de minha mãe, que tanta festa me fazia com seus bolos e quitutes deliciosos e, para piorar, o primeiro em que estava brigada com meu pai, incomodado com a súbita independência da filha única que decidira sair sem permissão. Mas não estava triste demais. Também era o primeiro aniversário com um grande amor, e ele estava ao meu lado.

O que não entendi foi a sugestão, inesperada, desse amor. Por que não passar o dia no Museu do Ipiranga? Bom, eu gostava de história, tinha visitado o museu quando criança, mas ficar o dia todo ali? Tudo bem que era um julho ensolarado esse, com pouco frio e a linda luz dos sóis amenos de inverno, mas ainda assim não me convencia o convite. Como insistiu, não tive jeito de recusar – quem é que recusa algo a um grande amor, se o que vale é sua companhia?

Encostamos a moto numa rua próxima e lá fomos nós, caminhando em direção à bela construção. Entrar agora? Claro que não, ele respondeu. Temos muito tempo. Vamos passear pelos jardins. Sabia que foram desenhados por um belga, inspirado naqueles de Versalhes? Não, eu não sabia (aliás, jamais poderíamos imaginar que um dia iríamos juntos à França com nossos filhos...) Tudo era novo no nosso amor, como novas eram as informações que ele me dava sobre o museu.

Ou melhor, sobre o jardim, naquele momento. Essas são topiarias, plantas podadas que podem ter diferentes formatos. Ah, respondi, já vi assim, na cidade natal da minha mãe. E entristeci, de repente. Ele me abraçou forte, sorriu, mas não se abalou: Olha, também

temos azaléas, falsas figueiras, buxos... Dei risada: Como é que você sabe tudo isso? Não viu nada ainda, respondeu. Era verdade - e eu teria décadas à frente para descobrir...

Fomos então ao bosque atrás do museu, e ele insistia em repassar informações, agora sobre plantas nativas; jatobás, paus-de-ferro. Quase 200 espécies, algumas inclusive sob ameaça de extinção. Meu amor falava sem parar, enquanto acompanhávamos os meninos skatistas, os namorados enlaçados como nós, os bebês nos carrinhos. Já cansada de tanta matéria botânica, mas sem coragem de manda-lo parar, desviei: E a tal Casa do Grito? Ele silenciou, como quem não se lembra, mas em um segundo recarregou as baterias: Podemos ver, mas saiba que ela era de pau-a-pique, não de concreto, e não há confirmação de que estivesse mesmo ali, como mostra a tela, sabe qual?

Sim, dessa vez eu sabia. Do Pedro Américo, feita muitos anos depois da independência do Brasil. Então puxei o assunto da política, que tanto gostávamos na faculdade, democracia, direitos humanos (era com certeza na década de 1980). Falei da importância do Brasil livre, da ditadura militar prestes a se esfarelar, das novas páginas democráticas que seriam construídas, de como a história do nosso País estava apenas começando com a independência. Ele ameaçou se empolgar pelo tema, brilharam os olhos, mas durou pouco. De novo meu amor retomava o tema do museu, agora me convidando para entrar no lindo prédio. Vamos comer um lanche antes? Tomar uma água? Você está falando desde as 11h da manhã e já são quase... quase cinco da tarde! O museu vai fechar! E toca correr pra visitaçã, não sem antes ouvir o aviso de que teríamos poucos minutos até o encerramento. O que deu para ver? Grandes retratos de nobres, bandeirantes, um veículo parecendo uma carruagem... E em instantes lá estávamos de novo nos jardins, que o tempo acabara, com a gente morrendo de vontade de continuar a visita pelo palácio.

Não fique triste, disse meu amor. A gente volta depois. Agora vamos pra casa. Pra casa? Pôxa, pensei, nem um parabéns, uma comemoração especial? Subimos na moto, ele seguiu para a residência dele, queria pegar uma blusa. Entramos juntos na sala escura, numa casa que eu pouco conhecia, mas em um segundo percebi por que ele havia me dado tantas informações sobre o museu, entendi nossos passeios pelo bosque, as longas explicações, os detalhes. Todos os amigos reunidos me cantavam parabéns, na primeira festa de aniversário que vivia sem minha mãe. A primeira festa surpresa que ganhei, preparada enquanto meu amado esmiuçava mistérios imperiais, inesquecíveis que – soube mais tarde – cuidadosamente recolheu em antigas reportagens e decorou durante toda a semana para me encantar e fazer passar o tempo.

Nessa noite, a ausência causada pela morte de minha mãe se diluiu em afeto, amenizando a dor, e saboreei com gosto a recém-inaugurada independência que me levava até ali. Só faltou mesmo meu pai que, compreendi mais tarde, buscava também seu lugar naquele estranho universo sem a orientação da esposa. Também em nossas vidas, de certa forma, a história estava apenas começando. E aquele aniversário no museu do Ipiranga fazia parte do primeiro capítulo.